

POR MARIA EDUARDA LAVOCAT

A primeira vista, pode parecer apenas um ambiente de troca de experiências entre homens. São comunidades, grupos e espaços digitais formados em torno de discussões sobre masculinidade, relacionamentos e identidade masculina. O problema é que grande parte desse ecossistema passou a ser associada à disseminação de discursos misóginos, antifeministas e visões estereotipadas sobre relações de gênero. É a chamada machosfera, cujos integrantes usam a internet para publicar, diariamente, conteúdos que estimulam o ódio às mulheres.

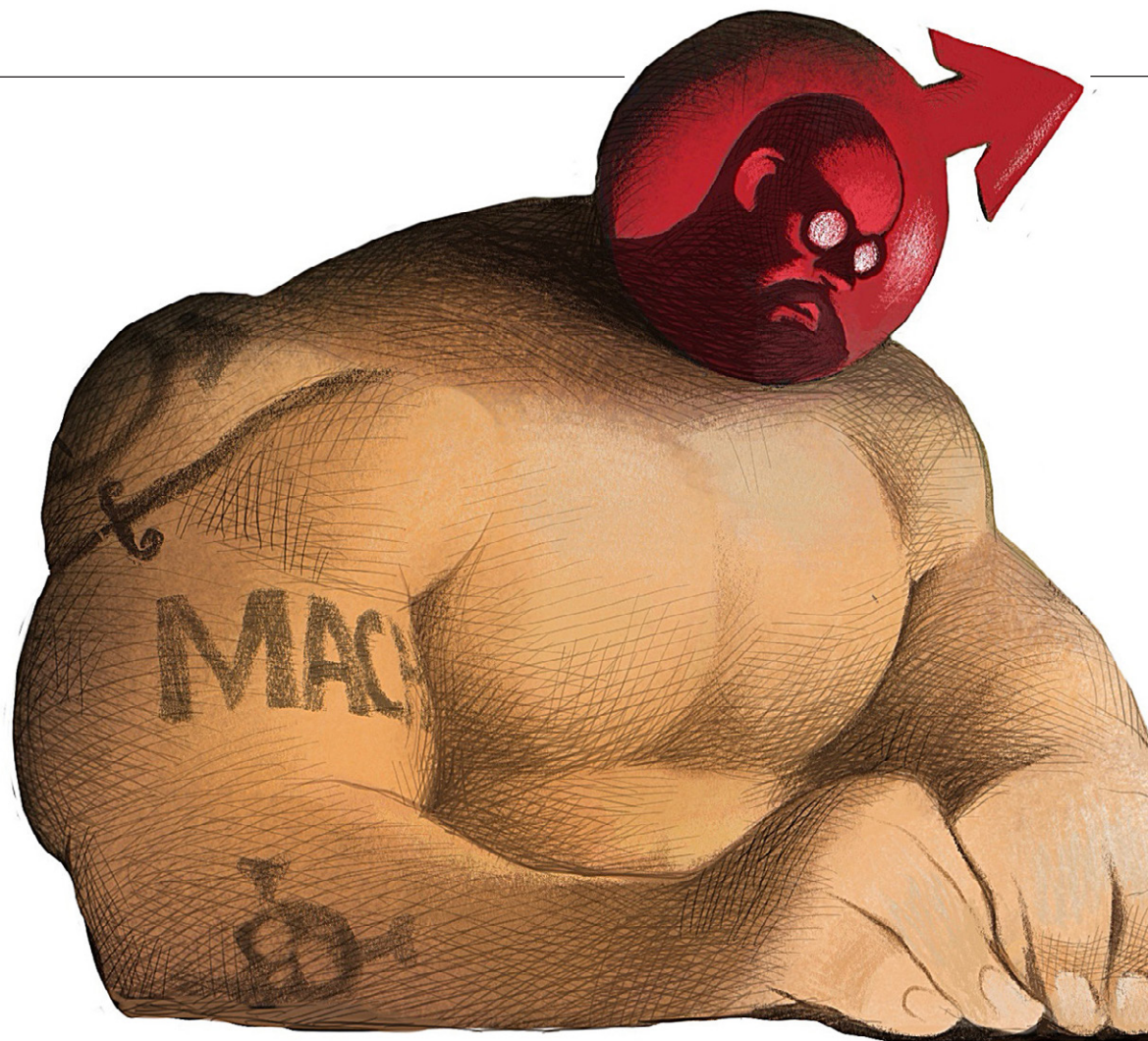
Em dezembro de 2024, um estudo realizado pelo Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais da UFRJ (NetLab) investigou a presença de discursos misóginos no YouTube. A análise identificou conteúdos desse tipo em ao menos 137 canais, que juntos acumulavam cerca de 3,9 bilhões de visualizações. Entre os temas mais recorrentes estavam o “desprezo às mulheres” e o “estímulo à insurgência masculina”. A partir das buscas, os pesquisadores mapearam, aproximadamente, 76,3 mil vídeos relacionados ao tema.

Neste ano, o laboratório revisou os dados e constatou que o cenário não apresentou melhora. Embora o número de canais identificados tenha diminuído de 137 para 123, o alcance dessas páginas continuou crescendo. Em 2024, os canais reuniam cerca de 19,5 milhões de inscritos; atualmente, já ultrapassam 23 milhões — um crescimento aproximado de 18,5%. A produção também avançou: o número de vídeos publicados passou de 105 mil para 130 mil.

Juliana Cunha, representante da SaferNet Brasil, organização não governamental que busca defender e promover os direitos humanos na internet, afirma que a instituição tem recebido um número crescente de denúncias relacionadas a esse tipo de conteúdo. “Claro que o aumento também pode estar relacionado ao fato de mais pessoas estarem denunciando, mas, sem dúvida, nos últimos anos, esse discurso passou a ser mais utilizado, inclusive, como plataforma política”, afirma.

Segundo ela, adolescentes estão entre os grupos mais vulneráveis a esse tipo de discurso por se encontrarem em uma fase marcada pela construção da consciência moral e pela formação de percepções sobre o que é certo e errado. “Esses grupos se aproveitam, justamente, dessas vulnerabilidades e utilizam uma linguagem próxima do universo adolescente para atrair atenção e criar identificação”, explica.

A psiquiatra Danielle Admoni, especialista em infância e adolescência da Universidade Federal de São Paulo, alerta, ainda, para um agravante: eles ainda não possuem maturidade suficiente para lidar com esse material. “Hoje, sabemos que a exposição precoce a determinados conteúdos pode provocar alterações



A escola da misoginia

cerebrais. Além disso, existem impactos emocionais importantes, porque há temas para os quais crianças e adolescentes simplesmente não estão preparados.”

Segundo a especialista, a adolescência é uma fase marcada por intensas transformações cognitivas, emocionais e sociais. Nesse período, os jovens ainda desenvolvem a capacidade crítica necessária para interpretar e questionar as informações que recebem, o que os tornam mais suscetíveis à absorção acrítica de determinados discursos. “A exposição frequente à

violência, por exemplo, pode desencadear irritabilidade, alterações no sono e no apetite, dificuldades escolares e comportamentos mais agressivos”, explica.

No caso específico de conteúdos misóginos e machistas, Danielle afirma que os riscos são ainda mais preocupantes. “Esses jovens podem internalizar essas ideias como verdades, especialmente quando não existe uma formação adequada em casa sobre relações de gênero.”

A médica observa que já é possível identificar grupos de adolescentes que passam a legitimar discursos violentos e reproduzir mensagens de ódio sem compreender plenamente suas consequências.